



III EBE | III ENCONTRO BAIANO DE CULT | ESTUDOS EM CULTURA



PROJETO “MÁRIO GUSMÃO VAI ÀS ESCOLAS”

**A ARTE- EDUCAÇÃO AO ALCANCE DAS CRIANÇAS DA REDE PÚBLICA
MUNICIPAL DE ENSINO DE SALVADOR**

1. BASTOS, Viviane de.

CEART Arte educadora (Dança). bibiane_bastos@yahoo.com.br

2. SANTOS, Angela Regina Lage.

CEART Arte educadora (Artes Visuais) UFBA: Estudante. angela_lage@hotmail.com

3. SENNA, Tatiana Mendes.

CEART Arte educadora (Teatro). tatsenna@yahoo.com

RESUMO

Projeto desenvolvido na Cidade de Salvador, Bahia, visando alcançar de forma efetiva a clientela da Rede Municipal de Ensino na Região denominada CRE ORLA pela própria entidade, fomentando discussões e atividades envolvendo a reflexão artística, a criatividade e a produção de forma inovadora. O acesso a estas atividades em formas de aulas- oficina oportuniza a universalização do ensino de arte, bem como mudanças no ensino especialmente desta Área de Conhecimento que envolve: Literatura, Artes Visuais, Teatro, Música, Dança e Jogos, favorecendo a fuga do lugar- comum que é a visão da Arte meramente com Entretenimento, desmerecendo as demais compreensões.

PALAVRAS-CHAVE: arte- educação; ensino; inovação; metodologias.

Baseando-se na Diretriz Nacional explicitada nos Parâmetros Curriculares Nacionais a Rede Municipal de Ensino Público de Salvador idealizou a criação dos Centros de Arte iniciando pela criação do CEART Mário Gusmão com o propósito de valorizar a construção cultural do povo soteropolitano e aproximar ainda mais a aprendizagem artística que ocorre nas escolas da produção constante e efervescente que acontece nos diversos espaços urbanos da polis, visando ainda a criação de significados que possibilitem o exercício constante de transformação do ser humano. Assim, além de encarar a arte como produção de significantes e significados que se transformam no tempo e no espaço, permitir a construção de pontes que

permitirão ao educando contextualizar a época em que vive e a sua relação com as demais pessoas, culturas, valores e sentimentos.

1. Breve histórico do Ensino de Arte no Brasil

O ensino artístico no Brasil se deu na chegada da Missão Francesa, em 1816, por D. João VI com a criação da primeira Escola de Belas Artes, a chamada Academia Imperial de Belas Artes. Essa Instituição pouco contribuiu para a democratização da Arte, pois priorizava o culto à beleza, o dom como crença e o estímulo à cópia, tornando o acesso restrito à aristocracia que comprava e apreciava as obras e aos artistas estrangeiros que criavam as obras e conquistavam os artistas nativos.

Na segunda metade do Século XIX houve um período de importantes transformações culturais, tanto no Brasil quanto EUA. No contexto da Industrialização o ensino de arte passa a assumir uma nova função, pois profissionais eram preparados na área do desenho para serem inseridos no competitivo comércio entre os concorrentes mundiais. A cultura de um ensino que valorizava a exploração técnica do desenho criou um conflito entre as Belas Artes e as Artes Industriais.

No ensino formal, tradicionalista, essa visão utilitarista, reprodutivista e imediatista da arte era uma questão comum, na qual se valorizava a reprodução de modelos convencionais, as habilidades manuais, a precisão, a organização pautada no domínio técnico sob a instrução do professor, capaz de ser um “transmissor” de códigos, conceitos e categorias, entrelaçados com os padrões estéticos que mudavam de linguagem para outra.

Assim, na área de teatro e dança aconteciam as festividades celebrativas pautadas em datas convencionais, como o natal, páscoa, dia das mães, festas juninas ou de encerramento do ano letivo. A apresentação era a única finalidade do teatro, com uma movimentação rigorosa onde as crianças decoravam textos e cenas.

Essa rigidez estética foi aos poucos sendo rompida entre as décadas de 1920 e 1970. O modelo reprodutivista da arte foi contraposto à estética modernista, influenciada por outras formas de entendimento e criação na arte: a tendência escolanovista. Com ênfase no desenvolvimento natural da criança, respeitando suas necessidades e aspirações, tais práticas pedagógicas foram redimensionadas para as formas e expressão e de compreensão do mundo que o estudante possui, respeitando seus limites e potenciais criativos.

“Os professores da época estudam as novas teorias sobre o ensino de Arte divulgadas no Brasil e no exterior, as quais favorecem o rompimento com a rigidez estética, marcadamente reprodutivista da escola tradicional”. (PCNs: Arte, 2001, p.27).

Os brasileiros Augusto Rodrigues e Noêmia Varela tiveram importante papel na inserção da arte na educação brasileira a partir da metade do século XX. Augusto Rodrigues (1919-1993) foi pintor, desenhista, gravador, ilustrador, caricaturista e poeta e fundou, em 1943 no Rio de Janeiro, a Escolinha de Artes do Brasil para crianças onde priorizava uma visão moderna com oportunidades de ensino das atividades artísticas (música, desenho, pintura, etc). Noêmia Varela criou a Escolinha de Artes do Recife e juntamente com Rodrigues, contribuíram para a inclusão do ensino artístico na Educação Básica, pois as Escolinhas de Artes serviram como um modelo educacional que foi seguido e espalhado em vários lugares no Brasil nas décadas seguintes.

Paralelo ao que acontecia no âmbito escolar a arte foi, num período que vai dos anos de 1920 até hoje, inserida também fora das escolas. Num momento de crescimento de movimentos culturais que anunciavam vanguardismos, marcadamente caracterizados pela “Semana de Arte Moderna de São Paulo”, em 1922, onde artistas de diversas modalidades plásticas, musicais, poéticas e corporais envolveram a sociedade para uma mudança nas expressões artísticas brasileiras.

Em 1971, a arte será incluída no currículo escolar pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Intitulada “Educação Artística” passará a ser considerada uma atividade educativa e não uma disciplina. Contudo a introdução desse título mostrou um avanço no currículo escolar, pois as idéias vanguardistas puderam, ainda que de forma tímida, ser consideradas na valorização da arte e na formação dos indivíduos.

Todavia, o que foi proposto como resultado tornou-se contraditório, pois como o professor passou a assumir todas as atividades artísticas (artes plásticas, educação musical e artes cênicas) e sem ter o conhecimento de todas elas, agravou-se a situação das concepções metodológicas em artes nas escolas. Os cursos de formação, mais freqüentes para dar suporte mercadológico à Lei, eram frágeis e focados na técnica, com poucas bases conceituais.

Os professores, atingidos por um abatimento de prestígio, isolados e inseguros, tentavam alcançar seus objetivos através de várias atividades, divididas por faixa etária, envolvendo exercícios musicais, corporais e plásticos, mesmo sem conhecê-los bem. A partir desse caminho pedagógico, o professor deixou de dedicar-se exclusivamente para sua área específica e diluiu seus estudos para outras formas artísticas.

A Federação de Arte Educadores do Brasil – FAEB, surgida em 1987, como núcleo de resistência à legislação imposta, buscou discutir as relações entre arte/educação, arte/vida, arte/cultura, arte/sociedade e arte/filosofia. A ressignificação da arte e seu ensino na contemporaneidade buscou também denunciar o ensino polivalente da Educação Artística,

assim como realizar um estudo maior da compreensão da arte na vida das pessoas, suas interrelações culturais e possibilidades transdisciplinares.

Na década de 1980 com o surgimento do Movimento Arte-Educação, houve um propósito em conscientizar e organizar os profissionais, da educação formal à informal, para um avanço na questão da formação do professor, da necessidade de se reconhecer a sua atuação e o insuficiente domínio da área. Tais pensamentos eclodiram no país e foram articulados nas universidades, associações de arte-educadores, entidades públicas e particulares, no sentido de orientar para novos caminhos à prática educativa em arte.

Esse novo entendimento que estava sendo seguido refletiu nas discussões sobre a nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, onde se dará o direito ao acesso do ensino artístico. Com a Lei n 9.394/96 adquire-se a obrigatoriedade do ensino da arte na Educação Básica.

Na transição para o século XXI tem-se caminhado para uma melhoria do ensino/aprendizagem em artes. São estudos sobre a educação estética e a arte no cotidiano, que complementam a formação cultural dos estudantes. A tendência sociointeracionista é a mais indicada pelos especialistas hoje por permitir que crianças e jovens não apenas conheçam as manifestações culturais da humanidade e da sociedade em que estão inseridas, mas também soltem a imaginação e desenvolvam a criatividade, utilizando todos os equipamentos e ferramentas à sua disposição.

Na perspectiva sociointeracionista, uma concepção de aprendizagem artística que integra o fazer, a apreciação e a contextualização foi criada pela arte-educadora Ana Mae Barbosa denominada “Proposta Triangular para o ensino da Arte”¹.

A arte como área de conhecimento possui seus conteúdos próprios, exige do professor uma formação que integre o estudante para o tema proposto em aula. É preciso renovar o currículo escolar para que o ensino artístico seja pensado, produzido e que essa prática seja avaliada constantemente entre estudantes e professores. “Alunos, professores e artistas são identidades que se constroem nas relações e em contextos” (BARBOSA, 2003, p.33).

1.1 Criação dos Centros Municipais de Arte em Salvador

A criação dos Centros Municipais de Arte-Educação no município de Salvador se deu num contexto onde as influências pedagógicas percorridas acima resultaram numa política de Educação Integral fortemente marcada pela tendência sociointeracionista.

¹ Ana Mae Barbosa defende uma metodologia em Artes onde três focos de aprendizagem são entrecruzados: o histórico da arte, a apreciação de obras de artes e a produção artística, ou seja, a contextualização, a produção e a apreciação estética.

Na busca da democratização do acesso à aprendizagem em Artes, do Conhecimento e da Cultura, a Secretaria Municipal de Educação e Cultura – SMEC (atual SECULT) ofereceu, em 2005, um projeto que teve como objetivo proporcionar espaços e situações diversificadas para o desenvolvimento da aprendizagem, para sua inserção social e cultural, através de participação em atividades artísticas (dança, música, artes visuais, teatro e literatura) e de ações voltadas para o fortalecimento da Cidadania.

A arte de cada cultura revela o modo de perceber, sentir e articular significados e valores que governam os diferentes tipos de relações entre os indivíduos na sociedade. A concepção de arte no espaço social implica numa expansão do conceito de cultura, ou seja, toda e qualquer produção e as diferentes maneiras de conceber e organizar a vida social são levadas em consideração.

A visão errônea do papel da arte no ambiente escolar reflete um panorama que precisa ser reafirmado e reconhecido na sociedade. A arte e a cultura nas escolas não podem ficar relegadas ao segundo plano ou simplesmente encaradas como simples atividades de lazer, entretenimento e recreação. Nesse sentido, uma proposta em Arte-Educação e Cultura trará para um grande número de crianças e adolescentes uma valorização e construção identitária importante para suas vidas. A arte fará parte de suas vidas e terá sentido.

Tais considerações a respeito das artes no espaço formal da educação levaram à reflexão sobre o desenvolvimento de propostas atuantes nos espaços informais, locais aonde a arte vem ocupando o seu lugar de forma a garantir uma real experiência por parte das crianças e adolescentes atendidos. Trata-se de oferecer espaços próximos às escolas da Rede Municipal dedicados ao ensino de Arte e ao fomento de atividades culturais para alunos e alunas, utilizando tanto a estratégia do contra-turno escolar como da adoção de metodologias de impactos diretos sobre a Rede, multiplicando processos a partir de uma unidade central.

A materialização desses espaços formativos focados no fazer cultural e artístico traz uma reflexão que busca de fato uma mudança estrutural no Ensino Fundamental em Salvador. A Escola Parque, situada no município de Salvador é referência histórica de uma orientação pedagógica voltada para o turno integral, concebida por Anísio Teixeira, com a sua incrível diversificação de ensino e aprendizagem.

Nessa perspectiva, Salvador com sua riqueza cultural espalha por toda a cidade saberes e fazeres que afirmam toda engenhosidade da população bem como sua capacidade de lidar com o domínio da cultura. Contudo, a carência de investimentos sistemáticos e formação na área cultural ameaça inverter essa potencialidade e portanto, se faz necessário mobilizar

investimentos capazes de assegurar a consistência dos processos decisórios que esse movimento de mudança e transformação da realidade vigente requer.

A criação e implantação de Centros Municipais de Arte-Educação e Cultura, pensados como espaços de auto-expressão e alimentados pela cumplicidade do fazer em conjunto, da construção coletiva, representa um ponto de articulação, resgate e valorização das referências sócio-históricas e culturais da população soteropolitana.

1.2 O Centro Municipal de Arte-Educação e Cultura Mário Gusmão

O Centro Municipal de Arte-Educação e Cultura Mário Gusmão foi fundado em 20 de novembro de 2005, dia da Consciência Negra e aniversário da morte do artista Mário Gusmão (1920-1996). Situado à Avenida Amaralina, no bairro de Amaralina, se configurou como alternativa de fortalecimento e melhoria da qualidade da educação básica pública de Salvador. Buscou-se com essa iniciativa, garantir aos estudantes oriundos de escolas municipais oportunidades artístico-culturais que se caracterizam como atividades essenciais para o exercício pleno da cidadania e orientação para a vida.

Este espaço se configura como uma instituição dedicada ao exercício da Arte-Educação que tem como objetivo principal disponibilizar espaços de democratização da Educação, da Arte e da Cultura. O seu funcionamento teve como organização inicial o seguinte formato: após a efetivação da matrícula no contra turno escolar, eram disponibilizadas aos alunos do Ensino Fundamental atividades artísticas nas suas variadas linguagens: artes visuais, dança, literatura, música e teatro.

Cada aluno dispunha do acesso ao aprendizado de duas linguagens que eram oferecidas duas vezes por semana (segundas e quartas ou terças e quintas) nos turnos matutino e vespertino, acrescido do direito à visitação da sala de computadores, para estímulo à pesquisa e produção de textos apresentados pelos professores.

As atividades desenvolvidas no CEART Mário Gusmão se organizavam em eixos constituindo uma tríade operando de forma sistemática onde buscava-se superar a fragmentação entre os saberes e fazeres artísticos e culturais, integrar processos e atividades que culminassem no desenvolvimento de competências, habilidades, valores e princípios necessários à construção de uma nova cultura, caracterizando, dessa forma, a busca do aprimoramento do aluno como pessoa humana, incluindo a formação ética e o desenvolvimento da autonomia e do pensamento crítico.

A escolha do nome para o primeiro Centro de Arte- Educação e Cultura homenageia Mário Gusmão, pela sua importante trajetória no campo artístico-cultural e pedagógico, pois ele foi

um artista intenso nas áreas de teatro, dança, televisão, cinema e foi um mestre para muitos atores atuantes no cenário teatral baiano, como Jackson Costa e Carlos Betão. Atuou para diretores renomados, como Glauber Rocha (O Dragão da maldade contra o Santo Guerreiro) e coreógrafos representativos como Clyde Morgan. Além disso, Gusmão tem em sua história um destaque que merece ser reconhecido na sociedade baiana, ele foi um dos primeiros negros a ingressar na Escola de Teatro da Universidade Federal da Bahia.

2.0 Aprendizagem em Arte

Partindo do pressuposto que Aprender é uma ação constante, um processo desencadeado por interesses que se modificam e constroem novas experiências, que envolve uma intenção, o aprender por si só pode ser então uma ação reflexiva do indivíduo sobre sua atuação em relação ao ambiente que o cerca. Essa visão de aprendizagem é defendida pelos construtivistas que tem como ponto de partida os estudos e pesquisas de Piaget e Vigotsky. O sujeito é ativo na construção da sua aprendizagem e aquisição de conhecimentos.

Para Struchiner (2010) a compreensão de papéis dos envolvidos no processo educativo não se torna difícil; pelo contrário, é mais simples a compreensão do que cabe a cada um, especialmente aos professores que saem da postura de detentores de conhecimento irrestritamente para assumir a figura de orientadores e facilitadores pedagógicos preocupando-se em prover ambientes e ferramentas que ajudem os alunos a interpretar as múltiplas perspectivas de análise do mundo real, o que possibilita a construção de suas próprias perspectivas (Jonassen, 1998). A aprendizagem por ela só possui ainda características fundamentais para o desenvolvimento de um ambiente de aprendizagem construtivista: Ativa/manipulativa, Construtiva, Reflexiva, Colaborativa, Intencional, Complexa, Contextual e Coloquial (Jonassen, 1996).

Este conceito no entanto, está em constante modificação e ampliação, ou seja, está sendo continuamente transformado e ressignificado.

Apropriando-se das características fundamentais citadas anteriormente para a criação de ambiência favorável à aprendizagem na visão construtivista, as discussões em Arte- Educação no Brasil contemporâneo buscam fincar suas raízes, tendo passado por processos de modificação constante e articulações entre conceitos e novas construções paradigmáticas. A crença de que a Arte não poderia ser ensinada baseada no equívoco da “Ideologia do Dom” vem sendo alterada. Segundo esta crença:

“A Ideologia do Dom está fundada em base filosófica idealista, apresentando também um caráter ideológico liberal quando pressupõe que o artista é pré- dotado misticamente pelo “dom”, ou quando o justifica pelo determinismo biológico-

“nasce-se artista”. Convém ressaltar que o senso comum, de maneira geral, não distingue entre o determinismo místico e o biológico, difundindo a ideia de que se nasce artista ou não, podendo prescindir-se da preparação básica (estudo, trabalho, pesquisa, avaliação).” AZEVEDO, 2003.

Já que para aprender e ensinar arte, não necessita-se de uma capacidade especial, um “dom” para aprendê-la e executá-la, estabelecendo o espaço em que o sujeito é ativo na construção da própria aprendizagem, que seria então aprendizagem em arte? Qual seria o objetivo da aprendizagem em arte?

Aprender não é mais uma ação impositiva ou autoritária, e sim dialógica e reflexiva de quem media e de quem aprende. O aprender em arte estará levando em conta essa práxis: a ação que leva a uma nova reflexão. Para tanto, precisa-se ter uma visão definida do que seja a arte feita pelos artistas e a função da arte na escola que estão entrelaçados entre si, porém são objetos diferenciados. Então:

“Nesse sentido, podemos transcender a prática de ensinar e aprender para o exercício da democracia e da socialização de conhecimentos, sejam estes de ordem técnica, de conteúdo, de conceitos e/ou da arte. Há que se questionar sobre a possibilidade de o ensino-aprendizagem da arte no contexto escolar ser um veículo de democracia e liberdade aos meninos e meninas com os quais convivemos. Direta ou indiretamente somos responsáveis pelo modo como eles aprendem a sentir e estar no mundo, pois somos também nós, no contexto da escola, como profissionais da educação, que os ensinamos a ver ou não ver, ser ou não ser, estar ou passar pelo mundo.” PILLOTO, 2001.

Ensinar arte neste contexto é uma atividade que é impulsionada pela subjetividade que envolve todas as dimensões humanas: social, cultural, cognitiva, afetiva e motora que perpassam tanto no processo de elaboração e produção como no de fruição da obra de arte. A integração destas dimensões que resultará na ligação entre o orgânico e o meio social (interação) é defendida por Wallon, e nos faz perceber o quanto é importante na construção do indivíduo e seu desenvolvimento integral o contato com arte e cultura.

A aprendizagem em arte é então um processo que envolve e possibilita o desenvolvimento do sujeito de forma integral através de suas múltiplas linguagens favorecendo uma gama de conhecimentos articulados entre si que se complementam, se relacionam e interagem em plena harmonia dado a dimensão da sua abrangência.

2.1 Aprendizagem Significativa e Ludicidade.

O objeto *Aprendizagem em Arte* está intimamente relacionado à aprendizagem significativa. Por lidar com diversos aspectos importantes para a formação do indivíduo, leva em conta elementos que tem significação para o mesmo, construindo uma ambiência artística atraente e motivadora.

“Para haver aprendizagem significativa são necessárias duas condições. Em primeiro lugar, o aluno precisa ter uma disposição para aprender: se o indivíduo quiser

memorizar o conteúdo arbitrária e literalmente, então a aprendizagem será mecânica. Em segundo, o conteúdo escolar a ser aprendido tem que ser potencialmente significativo, ou seja, ele tem que ser lógica e psicologicamente significativo: o significado lógico depende somente da natureza do conteúdo, e o significado psicológico é uma experiência que cada indivíduo tem. Cada aprendiz faz uma filtragem dos conteúdos que têm significado ou não para si próprio.” PELLIZZARI, 2001.

Em Arte, o aluno experimenta, cria, analisa, reflete, pensa, e isto tudo é carregado de sentido. Todo este movimento só é possível se for levado em conta o conhecimento prévio que cada um traga, um pouco da sua história, do que sabe acerca do que está sendo proposto, pois essa condição é capaz de gerar uma relação de identificação sujeito x objeto, que desencadeia o processo de interesse e envolvimento que ocasionará a aprendizagem significativa defendida por Ausubel².

“Em resumo, o que é sugerido é a participação ativa do sujeito, sua atividade auto-estruturante, o que supõe a participação pessoal do aluno na aquisição de conhecimentos, de maneira que eles não sejam uma repetição ou cópia dos formulados pelo professor ou pelo livro-texto, mas uma reelaboração pessoal.” PELLIZZARI, 2001.

A esta participação ativa, plena, LUCKESI chama de “ludicidade”. Para que este movimento ocorra, além do valor significativo para o sujeito, é imprescindível que o espaço de experimentação permita que o sujeito possa ir além de suas potencialidades sentindo-se livre para ousar. Isso pode se dar de forma divertida ou não, mas o envolver de forma completa, não sendo necessariamente um momento de brincadeira, ou de descontração. Em síntese:

“Tomando por base os escritos, as falas e os debates, que tem se desenvolvido em torno do que é o lúdico, tenho tido a tendência em definir a atividade lúdica como aquela que propicia a “plenitude da experiência”. Comumente se pensa que uma atividade lúdica é uma atividade divertida. Poderá sê-la ou não. O que mais caracteriza a ludicidade é a experiência de plenitude que ela possibilita a quem a vivencia em seus atos. A experiência pessoal de cada um de nós pode ser um bom exemplo de como ela pode ser plena quando a vivenciamos com ludicidade. É mais fácil compreender isso, em nossa experiência, quando nos entregamos totalmente a uma atividade que possibilita a abertura de cada um de nós para a vida.” LUCKESI, 1998.

Não há dúvidas que ao estar plenamente absorvido neste estado “lúdico” dentro do processo de aprendizagem, o indivíduo constrói a sua aprendizagem de forma significativa, e dialoga todo o tempo com os elementos desse conhecimento.

2.2 A Arte como Área de Conhecimento.

Baseado na visão triangular do Ensino de Arte (BARBOSA, 1998) que tem como pontos importantes as ações (leitura, contextualização e fazer artístico) vem se consolidando a

2 AUSUBEL, David Paul. Segundo ele, a aprendizagem significativa no processo de ensino necessita fazer algum sentido para o aluno e, nesse processo, a informação deverá interagir e ancorar-se nos conceitos relevantes já existentes na estrutura do aluno.

concepção de valorização da Arte também como Área de Conhecimento. Esta visão se torna essencial para o resgate do ensino da Arte e a sua ressignificação. Segundo o PCN de Arte:

“...entende-se que aprender arte envolve não apenas uma atividade de produção artística pelos alunos, mas também a conquista da significação do que fazem, pelo desenvolvimento da percepção estética, alimentada pelo contato com o fenômeno artístico visto como objeto de cultura através da história e como conjunto organizado de relações formais... Ao fazer e conhecer arte o aluno percorre trajetórias de aprendizagem que propiciam conhecimentos específicos sobre sua relação com o mundo.”(p.44)

Esta visão só se torna possível a partir da nova LDB 9.394/96 que estabelece o ensino desta área no currículo comum, porém o ranço da antiga concepção construída pela lei 5.692/71 que considerava a arte como uma atividade e não um Componente de Aprendizagem.

Equívocos e ajustes ainda ocorrem na operacionalização desse novo currículo, mas o primeiro passo já foi dado e caminhos tem sido abertos para sua efetivação. É importante recordar que a Arte pode assumir diversas dimensões e interesses, não sendo esta ou aquela mais ou menos importante. Aqui estamos estabelecendo como ponto de partida a visão do Ensino da Arte enquanto Área de Conhecimento que implica uma série de fatores que estarão interligados contribuindo para a percepção de que todas as suas linguagens mereçam igual atenção na elaboração de seus conteúdos e expectativas de aprendizagem, como qualquer outra Área que compõe o Currículo Comum.

2.2.1 A Arte no imaginário popular e dificuldades para o Ensino da Arte.

Sem dúvida uma das grandes dificuldades para a compreensão da Arte como Área de Conhecimento é a herança de pensamento baseada na “Ideologia do Dom” que por si dificulta o entendimento de que a arte ou seus elementos possam ser ensinados e estabelecer um processo de aprendizagem.

Pensar desta forma é algo extremamente perigoso porque pode favorecer o distanciamento e o reforço negativo ao afirmar que o indivíduo não possa produzir arte. Está claro que como em qualquer esfera e profissão, algumas pessoas se destacarão mais que outras, mas não quer dizer que isto se deva ao fato de um conteúdo ser ensinável ou não. As técnicas próprias de cada linguagem artística por exemplo, podem estar presentes no programa de ensino a ser desenvolvido nas salas de aula. Um engenheiro ou um arquiteto não aprende técnicas de cálculos de material ou de resistência de materiais ainda na sua preparação profissional?

Está claro que este equívoco também se reflete quando durante o período militar a lei 5692/71 estabelecia a arte como uma atividade, privilegiando somente um aspecto das Artes Visuais, outrora vista como Artes Plásticas que exerciam o papel de reprodução de obras de arte ou apenas o uso de pintura de imagens já elaboradas que reforçavam a compreensão de que o

aluno não seria capaz de realizar sua produção, ou desenvolver a técnica de construção de sua obra.

Dificuldades outras para a compreensão e possível estruturação do Ensino da Arte existem tais como dificuldades sociais, de logística, etc. que influenciam ativamente o progresso e andamento deste processo. Não entraremos nas mesmas por estarmos interessados no momento em nos deter nas dificuldades de compreensão e visão da sociedade em relação às Artes.

O mais importante é desmistificar esse ensino que seria para uma minoria, interessado apenas em gênios ou dotados de capacidades enviadas por uma divindade. Partindo da ideia que todo ser humano é capaz de aprender e ensinar, isso não poderia ser diferente na Arte, que consegue dialogar com todas as etapas de desenvolvimento de forma integral, o que possibilita a crença da aprendizagem significativa.

3.0 O Mário Gusmão vai às Escolas.

Em 2010 o CEART passou a atuar através do projeto “Mário Gusmão vai às Escolas” com a intenção de atingir um número maior de estudantes, divulgar as ações do Centro, sensibilizar para o ensino das artes e fomentar nas unidades escolares a discussão sobre o conteúdo e papel das linguagens artísticas no âmbito do ensino formal.

Ao longo do período anterior de atuação do CEART (2005 a 2009) a equipe de professores, através dos depoimentos de seus componentes, que vinham de diferentes unidades escolares de ensino formal, percebeu uma “coincidência” no discurso destes membros em suas experiências nestas escolas onde os colegas pedagogos, coordenadores pedagógicos e gestores escolares ainda percebiam o processo de arte educação na escola como ações pontuais a serem desenvolvidas em datas festivas e/ou comemorativas. Havia um privilégio dado por estes atores ao olhar sobre o produto e um grande desconhecimento a cerca do papel das artes para o desenvolvimento pleno do indivíduo, do ser cidadão e crítico.

A importância do ensino das artes enquanto espaço de aprendizagem que possibilita o desenvolvimento de habilidades de expressão, comunicação verbal e corporal, socialização, criatividade, fruição de obras artísticas não apareciam, no discurso dos pares das unidades formais de ensino. Feitas estas observações os professores do Mario Gusmão decidiram elaborar o projeto “Mário Gusmão vai as Escolas”, uma pesquisa ação que visava contribuir para a ressignificação desta visão do ensino das artes presente naquele momento nos espaços formais de educação da rede municipal de ensino.

O projeto se constitui como uma proposta inovadora na Rede de Ensino Municipal e numa

importante estratégia de ampliação cultural e de intervenção pedagógica que visa contribuir para a compreensão das relações entre arte, cultura, sociedade e conhecimento, criando também estratégias de articulação entre as atividades desenvolvidas no CEART e as escolas da CRE ORLA (Coordenadoria Regional de Educação – Orla).

O projeto inicia seu trabalho a partir do encontro entre coordenação pedagógica do Centro de Arte e gestão da unidade escolar atendida no qual é apresentado o formato do projeto, seus objetivos e se discute pedagogicamente as possibilidades de uso do material que será trabalhado na unidade pelos professores da escola após a visita, se define o local de apresentação teatral, divisão das turmas por linguagens, horário do lanche e outras providências administrativas necessárias a execução das atividades na unidade.

O público - alvo (classes do Ensino Fundamental 1 e 2 nos anos de 2010 e 2011 das escolas da amostragem referida) foi atendido da seguinte forma: a equipe de 9 professores do Centro, distribuídos nas diversas linguagens artísticas, (Literatura, Artes Visuais, Dança, Teatro, Música e Jogos) executou oficinas de aproximadamente 2h com alunos das escolas pertencentes a CRE-ORLA.

No dia marcado, os professores iniciam a visita tendo como primeira atividade uma apresentação teatral de 15 minutos onde o “CEART” apresenta aos alunos e demais agentes escolares, de forma lúdica, o que vai ocorrer ao longo daquele turno na Escola. Esta primeira atividade é chamada *sensibilização* pois enfoca o tema gerador que será abordado nas oficinas e trás uma breve exposição de cada linguagem artística que é oferecida no Projeto. Após o término da apresentação as turmas são divididas nas diversas linguagens já previamente agendadas e seguem para as oficinas. Ao fim do turno os alunos, os professores do Centro e os agentes educacionais da unidade visitada se reúnem para socializar as produções dos alunos elaboradas ao longo das oficinas.

Em 2011, agregamos ao projeto mais uma visita às unidades com o propósito de colaborar com a questão do distanciamento entre escola e famílias/ comunidade. Neste encontro os responsáveis pelos alunos são convidados para refletir, junto com a escola, através de atividades artísticas, sobre essa relação: Unidade Escolar e família. Os profissionais do Centro conduzem as atividades através de uma oficina interdisciplinar ,elaborada a partir do diálogo das linguagens presentes no CEART e mediam os espaços de reflexão, criação e apreciação. O projeto já visitou mais de 35 escolas entre os anos de 2010 e 2011.

Utilizando o formato de oficinas interligadas por um fio condutor que é o Tema Gerador (eixo transversal) adotado a cada ano pela Rede. no último ano foi *trabalhado o tema : “Escola e Família: Trajetórias, Memórias e Conquistas”* , tema escolhido pela SECULT(Secretaria de

Educação ,Esporte e Lazer) sendo então o conteúdo pesquisado por todos os docentes nas preparações das atividades e discussões desenvolvidas com as crianças, professores,gestores e responsáveis.

Os resultados esperados após a intervenção nas unidades é que os agentes educacionais ali presentes estejam mais sensíveis a presença da ação de arte educação na escola e reelaborem a percepção inicial das motivações e propósitos deste ensino. Tendo esse objetivo com função primordial do projeto a ele se agregam algumas outras finalidades como: contribuir para a Melhoria das práticas pedagógicas das escolas, dialogar com uma prática artístico-pedagógica inovadora alicerçada na construção de uma escola capaz de entender e atender aos interesses dos alunos e professores, envolvimento da comunidade escolar para a necessidade de estreitar relação escola / arte / comunidade, reconhecimento do trabalho do CEART nas escolas,divulgação das diversas linguagens através do Projeto “Mário Gusmão vai às escolas”, fomentar o desejo pela arte nos alunos e professores. Ao longo dos 2 anos de projeto foram atendidas : 68 escolas;alcançando um público aproximado de 16.000 alunos;estando as unidades situadas nos bairros de: Amaralina, Rio Vermelho, Ondina, Barra, Nordeste de Amaralina, Santa Cruz, Vale das Pedrinhas, Vasco da Gama, Federação, Pituba, Brotas e Garibaldi.

Aos professores, coordenadores pedagógicos e gestores das escolas é entregue um questionário de avaliação ao final da visita, para que o centro possa avaliar o impacto do trabalho e rever suas ações a partir deste material. .Do universo de 600 questionários entregues 95% dos entrevistados responderam estar plenamente satisfeitos com a visita, 1,6% parcialmente satisfeitos e 3,2% sugeriram alterações temáticas. Os entrevistados relatam que os itens trabalhados pela arte educação na escola, percebidos a partir do trabalho executado nas unidades são: criatividade, auto-estima, timidez, autonomia, sensibilidade, motivação e que as atividades também colaboram para o processo de aprendizagem do aluno integralmente.

Uma solicitação freqüente é a extensão do trabalho para atender ao público da EJA (educação de jovens e adultos) e por conta disso esta é uma meta que está contemplada no plano de ação do CEART no ano de 2012.

No corrente ano o CEART além de dar continuidade ao Projeto “Mário Gusmão vai às escolas” também ampliará suas ações para outros segmentos educacionais visando inserir nesse contexto cultural, os docentes, gestores, coordenadores que são os principais atores da construção do processo ensino aprendizagem,oferecendo a este segmento uma vivência artística de 26h.,com encontros quinzenais que pretendem aprofundar as conquistas anteriores

do projeto e dessa forma contribui para um melhor desempenho do aluno no seu processo educacionais.

Em 2012, o tema pedagógico da SECULT: que norteará as ações é: "Aprendizagem: Um Compromisso de Todos". A sensibilização de abertura do projeto e as oficinas já estão elaboradas em cima desta temática. As várias ações citadas foram pensadas e organizadas a partir das experimentações feitas em 2010 e 2011 para manter e ampliar o Centro de Arte como um pólo irradiador de Cultura, difusor de atividades artísticas que buscam dentro do exercício da Arte Educação estimular o auto-conhecimento do aluno, afiar sua percepção, aguçar o senso estético e estimular a criatividade.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Ana Mae (org). **Inquietações e mudanças no ensino da arte**. 2ª edição São Paulo: Cortez, 2003.

_____. **Arte-Educação: conflitos/acertos**. 3ª edição. São Paulo: Max Limonad, 1988.

CEART Mário Gusmão. **Regimento Escolar**, 2006.

_____. **Relatório de Atividades** 2010, 2011.

_____. **Plano de Ação** para 2012.

CENTRO DE REFERÊNCIA Educacional/Consultoria e Assessoria em Educação "**Anísio Teixeira/Escola Nova**" Disponível em: <http://www.centrorefeducacional.com.br/aniescnova.htm> Acesso em: 23/11/09.

COLL, César. **Aprendizagem escolar e construção de conhecimentos**. Porto Alegre: Artmed, 1994.

DUARTE JR. João Francisco. **Por que Arte-Educação?** 6ª ed. Campinas, SP: Papirus, 1991.

FERREIRA, Sueli (org). **O ensino das artes: construindo caminho**. 6ª edição Campinas, SP: Papirus, 2001.

IAVELBERG, Rosa. **Desenho Cultivado da Criança: Prática e Formação de Professores.** São Paulo: Zouk, 2010.

IAVELBERG, Rosa. **Para Gostar de Aprender Arte: Sala de Aula e Formação de Professores.** Porto Alegre: Artmed, 2003.

LUCKESI, Cipriano Carlos. **Desenvolvimento dos estados de consciência e ludicidade.** Salvador, FAGED/UFBA, vol. 2, n.21, 1998, p. 9-25

NOGUEIRA, Nilbo Ribeiro. **Pedagogia dos projetos: Uma jornada interdisciplinar rumo ao desenvolvimento das múltiplas inteligências.** São Paulo: Érica, 2001

MARTINS, Mirian Celeste, e outros. **Didática de Ensino de Arte: a Língua do Mundo.** Cidade: FTD, Ano. 1998.

Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental- Volume 6- Arte, Brasil: MEC/SEF, 1997

PILLOTO, Sílvia Sell Duarte. **Epistemologia no ensino-aprendizagem da arte: uma questão de reflexão.** Joinville: Ed. Univille, 2001

SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO, CULTURA, ESPORTE E LAZER. Salvador-BA. **Implantação dos Centros Municipais de Arte- Educação e Cultura de Salvador-BA.** Versão Preliminar. 2005.

_____. **Regimento Interno do Centro Municipal de Arte- Educação e Cultura Mário Gusmão.** 2005.

ZAMBONI, Silvio. **A Pesquisa em Arte: um paralelo entre arte e ciência.** 3ª ed. Rev. – Campinas, SP: Autores Associados, 2006.